



INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NO DESENVOLVIMENTO DA AUTOEFICÁCIA E DAS COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS

CAROLINA MARIA FURTADO MATOS

UNIVALI

carolinamariaamatos@gmail.com

SUZETE ANTONIETA LIZOTE

UNIVALI

lizote@univali.br

MIGUEL ANGEL VERDINELLI

UNIVALI

nupad@univali.br

CLEDINEI CLOVIS DE MELO CAVALHEIRO

UNIVALI

clovis.cavalheiro@gmail.com

RESUMO

A situação econômica tem incentivado o trabalho autônomo e, em face da capacidade que manifestam os empreendedores, torna-se importante estudar aspectos que os caracterizem. Este estudo tem como objetivo avaliar a influência da educação empreendedora no desenvolvimento da autoeficácia e competências empreendedoras dos discentes de graduação da área da saúde. Metodologicamente sua abordagem é quantitativa, descritiva e correlacional, com método de pesquisa *survey*. Os dados foram coletados através de questionário com perguntas fechadas com base o instrumento de De Noble, Jung e Ehrlich (1999) para mensurar a autoeficácia empreendedora e segundo o modelo de de Cooley (1990, 1991) para aferir as competências empreendedoras. A amostra foi composta por 267 alunos da graduação de cursos da área da saúde em dois *campi* de uma universidade comunitária do estado de Santa Catarina. O teste t e as análises de correlação permitiram analisar que não houve diferença entre a autoeficácia empreendedora e as competências empreendedoras dos discentes que tinham e dos que não tinham cursado a disciplina de empreendedorismo. Como percepção do estudo tem-se que nos cursos da área da saúde, os alunos não se sentem preparados para iniciar o próprio negócio, a partir das premissas da autoeficácia e das competências empreendedoras.

Palavras-chave: Educação Empreendedora. Autoeficácia Empreendedora. Competências Empreendedoras.

1 INTRODUÇÃO

A multidisciplinaridade recorrente nos mais diversos campos de atuação traz consigo grandes desafios para os profissionais, devido à necessidade de transitar por temas até então pouco familiares, mas que se fazem necessários para estar à frente de um mercado tão competitivo. O novo profissional deve ter a capacidade de inovar continuamente, propondo sugestões que revolucionem a maneira de administrar as decisões, podendo, desta forma, contribuir para o sucesso da organização (SCHUMPETER, 1928, 1934).

Com o passar do tempo, surge a necessidade de adequar antigos processos e criar novos a fim de atender as necessidades do mercado. Neste contexto, as Instituições de Ensino Superior (IES), possuem a função de produzir e socializar o conhecimento. Elas devem ser instrumentos de renovação e mudança para contribuírem ao progresso da cultura, ciência, tecnologia e inovação técnica e social.

A universidade, desta forma deve ser empreendedora, ou seja, analisar de maneira inovadora as mudanças no seu contexto, identificando alterações de comportamento dos seus alunos; oportunidades em novos segmentos (educação continuada, educação corporativa, educação à distância) e monitorar os movimentos da concorrência, buscando adequar potenciais oportunidades (TEIXEIRA, 2001).

Com isso, destaca-se a crescente procura por conhecimentos sobre empreendedorismo dentro das IES, a fim de formar profissionais mais capacitados para o mercado competitivo. O que antes era considerada temática exclusiva de áreas ligadas à economia e gestão, passa a ser valorizado em outros setores, como da saúde. Esse fato traz à tona novas perspectivas de estudos multidisciplinares, com a possibilidade de encontrar um ponto em comum que pode unir duas áreas distintas (nesse caso, gestão e saúde) a partir da ótica do empreendedorismo comportamental.

O crescente estudo sobre a temática de empreendedorismo desperta nos pesquisadores maior diversificação acerca das subáreas que abrange. No âmbito comportamental, os estudos sobre empreendedorismo ganham força à medida que as pesquisas avançam com os olhares dirigidos para aspectos inerentes ao ser humano, como é o caso da autoeficácia. Esse termo, iniciado por Bandura na década de 1970, tem como base a teoria social cognitiva, e autores como Chen, Greene e Crick (1998) associaram-o com estudos sobre empreendedorismo na perspectiva de trazer à tona que os empreendedores devem aprimorar sua autoeficácia a fim de estarem mais adaptados aos ambientes turbulentos.

Ainda associado ao comportamento humano, outro destaque está relacionado às competências empreendedoras, que ganha relevância em publicações, de maneira especial com o processo de ensino-aprendizagem (FERRERAS, HERNÁNDEZ-LARA; SERRADELL-LÓPEZ, 2017). Os estudos apontam a importância de detectar as habilidades e competências nos indivíduos com potencial empreendedor, ou aqueles que já se consideram empreendedores por terem o próprio negócio ou estar à frente de um.

Observa-se, portanto, que se encontra de maneira tímida na literatura temas que relacionem o empreendedorismo como processo de ensino-aprendizagem, e mais raro é encontrar estudos que foquem na educação empreendedora para cursos que não são da “área-mãe”, como Administração. Em contrapartida, observa-se que os profissionais das mais variadas áreas de conhecimento, por uma questão de adaptabilidade ao cenário econômico e às oportunidades, têm se inserido como empreendedores. No entanto, a falta de formação básica para tornar o negócio sustentável gera dificuldades para esses profissionais.

O setor da saúde, com seus diversos cursos oferecidos nas universidades, chama atenção nesse âmbito ao trazer novas oportunidades para aqueles que saem da universidade com a intenção de trabalhar como autônomo ou ter seu próprio empreendimento. Contudo, as IES ainda não estão preparadas para oferecer aos alunos um portfólio que lhes dê suporte, por isso, observa-se uma lacuna para estudar o perfil comportamental desses futuros profissionais.

Com isso, tem-se como problemática para esta pesquisa a seguinte questão: Qual a influência da educação empreendedora no desenvolvimento da autoeficácia e das competências empreendedoras dos discentes de graduação da área da saúde?

Destaca-se que o termo educação empreendedora neste estudo refere-se a disciplina de empreendedorismo ministradas nos cursos estudados.

Este estudo visa contribuir no fomento do empreendedorismo nas IES para cursos que não estão diretamente associados à área de gestão de negócios, em especial os cursos de ciências da saúde. Sendo assim, ao analisar características comportamentais inerentes aos futuros profissionais, busca-se aprofundar a discussão acerca desses temas e apresentar de que maneira o empreendedorismo pode auxiliar no desenvolvimento dos profissionais do setor da saúde.

O fato das IES oferecerem de maneira escassa disciplinas de empreendedorismo em cursos que não são ligados à gestão torna-se ainda mais difícil no que diz respeito à formação empreendedora, visto que empreender é uma prática interdisciplinar. Polakiewicz, Daher, Silva, Silva, Ferreira Júnior e Ferreira (2013) acreditam que as ciências da saúde têm muito a ganhar com a criação de disciplinas, conferências, minicursos e outros componentes curriculares que estejam associadas o empreendedorismo, visto que esses profissionais também têm uma atenção voltada para a área administrativa. A pesquisa realizada pela Endeavor (2016), igualmente aponta a inserção de disciplinas relacionadas ao empreendedorismo como um caminho favorável à formação dos futuros profissionais da área da saúde.

As IES são marcadas pelo distanciamento com o mercado de trabalho (ENDEAVOR, 2016), e esta pesquisa propõe trazer para a prática aquilo que a teoria explica, apresentando dados científicos para fazer com que o elo teoria-prática não seja deixado de lado. Em contrapartida, este artigo traz um problema empírico, visto a olhos nus, para o campo acadêmico e assim, busca-se amenizar o afastamento que há entre o “mundo real” e a ciência.

O artigo está estruturado em 5 seções, iniciando com a introdução; a seção 2 apresenta a síntese da discussão teórica. A abordagem metodológica é apresentada na seção seguinte; as análises e discussão dos dados estão evidenciadas na seção 4. Por fim, as considerações finais e recomendações para futuros trabalhos e as referências utilizadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A seção inicia com uma aproximação das discussões sobre o tema do empreendedorismo, educação empreendedora e na sequência são abordados os aspectos a eles relacionados, ou seja, a autoeficácia e as competências empreendedoras.

2.1 EMPREENDEDORISMO

Estudos sobre empreendedorismo ganham cada vez mais relevância devido ao aumento do número de publicações, como mostra dados de uma pesquisa bibliométrica que reuniu um conjunto de melhores periódicos internacionais em empreendedorismo no período de trinta anos – de 1981 a 2010, no qual contou com a análise de 1.414 artigos publicados nos oito principais *journals* da área (FERREIRA; PINTO; MIRANDA, 2015). Os pesquisadores apontam graficamente a evolução das publicações internacionais acerca do tema empreendedorismo, com ênfase do período entre 2005 e 2014, o qual contou com um aumento significativo dos artigos publicados.

O contexto brasileiro não difere da realidade internacional, sendo encontrado os primeiros artigos sobre este tema na década de 1960 publicados por Luiz Carlos Bresser Pereira na Revista de Administração (GIMENEZ, 2017). Mais adiante, na década de 1990, Gimenez

(2017) destaca as publicações de Louis Jacques Filion, o qual apresentou resultados empíricos e conceitos relacionados ao empreendedorismo. Mas foi nos anos 2000 que os estudos dessa temática ganharam força, tendo um crescimento médio por ano de 33% no número de artigos publicados dos anos entre 2001 e 2016.

Os dados apresentados vão ao encontro de informações empíricas que mostram a crescente busca pelo negócio próprio, conforme aponta o *Global Entrepreneurship Monitor*, que destaca um crescimento de 39% no número de empreendedores brasileiros em 2015, ou seja, dois em cada cinco indivíduos entre 18 e 64 anos têm um negócio ou está envolvido na criação de um empreendimento (GEM, 2015).

O termo empreendedorismo advém de uma constante construção desde o início do século XX, quando um dos precursores, Schumpeter, em 1928 associou o empreendedorismo à inovação. O economista defendia que cada produto obedece a um ciclo, que, renovado de tempos em tempos, gera novos produtos substitutos (SCHUMPETER; 1928, 1934).

O processo de inovar, iniciado por Schumpeter, é constantemente citado e lembrado pelos diversos autores ao longo do tempo, no entanto, acredita-se que é preciso dedicar-se, assumir riscos e receber recompensas de satisfação e independência financeira e pessoal (HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2017).

Características como comportamento individual, competência de identificar as oportunidades existentes, desenvolvimento da organização, criação destrutiva salutar e capacidade de transformação organizacional surgem a partir dos estudos de Brush et al. (2003). No entanto, McClelland (1967) identificou três características psicológicas inerentes ao desejo de realização do empreendedor: 1) responsabilidade individual para resolver problemas, estabelecer metas e atingi-las por meio de seu próprio esforço; 2) aceitação de riscos moderados como uma função da habilidade; e 3) conhecimento dos resultados da realização da tarefa. O pesquisador afirma ainda que o empreendedor tem a necessidade de realizar coisas novas, inovar constantemente e colocar em prática suas ideias, conceito esse que vai ao encontro das características do empreendedor schumpeteriano.

Dessa forma, empreendedor é aquele que imagina, desenvolve e realiza visões, o qual a partir da visão de futuro faz um planejamento que permite estabelecer condições necessárias para efetivar seu empreendimento. O empreendedorismo é absorvido por pessoas com diferentes graus de necessidades, não existindo uma fórmula que permita inferir o sucesso ou o fracasso profissional. Assim sendo, não há padrões psicológicos que possam definir o perfil do indivíduo empreendedor (FILION, 1999).

Há divergências acerca da denominação para o termo e nota-se que não chegou à uma definição completa, pois o acentuado aumento das pesquisas sobre empreendedorismo traz consigo novos conceitos, bem como complementam os estudos supracitados. Esse fator incita que há espaço para novas pesquisas que associem o tema à outras áreas, visto a expansão de publicações, como aponta Gimenez (2017) em um apanhado de artigos de empreendedorismo relacionados a dois ou três temas diversificados.

2.2 EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA

Diversas IES investem na educação empreendedora, pois reconhecem o poder para inovação e desenvolvimento do país. No entanto, isso ainda não acontece com frequência no Brasil, pois cerca de 56% dos alunos acreditam que iniciativas de empreendedorismo – disciplina, incubadoras e eventos – podem ser essenciais para deixá-los preparados para empreender, mas apenas 38,78% das universidades correspondem oferecendo oportunidades equivalentes (ENDEAVOR, 2016).

Na Conferência Mundial sobre Ensino Superior, promovida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em 1998, o artigo 7º faz alusão ao

reforço da cooperação com o mundo do trabalho e uma análise e previsão das necessidades da sociedade. Ainda nesse artigo, o parágrafo *d* destaca a preocupação com as IES em oferecer aos estudantes o espírito de iniciativa, bem como aprender a empreender, com a finalidade de facilitar posteriormente a empregabilidade dos graduados (UNESCO, 1998, art. 7º).

Ao discutir Novas dinâmicas do Ensino Superior e Pesquisas para a Mudança e o Desenvolvimento Social na segunda Conferência Mundial sobre Ensino Superior, promovida também pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em 2009, foi ressaltado no artigo 18º que o treinamento oferecido pelas IES deve além de visar necessidades sociais, antecipá-los, e um dos meios que é ressaltado para que isso aconteça é a educação empreendedora (UNESCO, 2009, art. 18º).

Azevedo (2015) destaca que não são apenas as pessoas que desejam ter um negócio próprio que demandam por educação empreendedora, pois outras áreas também competem por esse tipo de formação. Assim, nota-se a necessidade de as universidades tornarem-se cada vez mais empreendedoras para com os estudantes, pois como define Etzkowitz (2003) a universidade empreendedora é aquela que é capaz de formular um direcionamento estratégico. Ela deve contar ainda com objetivos acadêmicos claros e transformar o conhecimento gerado em valor econômico social, afinal, a universidade é um ambiente propício à inovação e os alunos são fonte potencial de empreendedores.

2.3 AUTOEFICÁCIA EMPREENDEDORA

Fundamentado na perspectiva da autoeficácia proveniente de Bandura (1977), a qual baseia-se na teoria social cognitiva apresentada anteriormente, Chen, Greene e Crick (1998) consideram a autoeficácia altamente apropriada para o estudo do empreendedor. A autoeficácia empresarial deve ser estável, mas não imutável, assim sendo, permite que os empreendedores modifiquem e aprimorem sua autoeficácia em uma interação contínua com o meio ambiente (CHEN; GREENE; CRICK, 1998).

Vale destacar que a ação empreendedora é frequentemente intencional, pois de acordo com as características do comportamento empreendedor, eles almejam entrar em novos mercados, correr riscos, perseguir novas oportunidades, e raramente esse processo é não intencional (CHELL, 2008, HISRICH; PETERS; SHEPHERD, 2017). McGee, Peterson, Mueller e Siqueira (2009) relacionam a autoeficácia empreendedora com as intenções empreendedoras, que por sua vez, foram definidas anteriormente por Boyd e Vozikis (1994) como uma situação mental a qual guia o comportamento do empreendedor a fim que haja desenvolvimento de ações associadas ao empreendedorismo.

Nascimento (2015) destaca que há uma ascensão na literatura sobre a autoeficácia empreendedora, e que os artigos, de maneira geral, abordam temas que estudam a crença na capacidade do indivíduo de tomar ações empreendedoras baseado na avaliação de gestão; e que abrangem também habilidades técnicas e funcionais que os sujeitos devem ter.

Bandura (1977) defende que os efeitos dos determinantes da aprendizagem social da autoeficácia podem ser medidos devido à suas possíveis variações, com isso, o autor acredita que tem como verificar com precisão as proposições sobre as origens da autoeficácia. Partindo desse pressuposto, Chen, Greene e Crick (1998) inovaram em seu estudo com universitários e empresários de organizações de pequeno porte ao elaborar uma escala de autoeficácia empresarial que reunia dimensões relacionadas com o *marketing*, inovação, gestão, assunção de riscos e controle financeiro.

De Noble, Jung e Ehrlich (1999) elaboraram seu trabalho sobre a ótica de Chen, Greene e Crick (1998), no entanto o intuito foi criar uma escala para o contexto empresarial, sendo assim uma das medidas mais utilizadas até os dias de hoje. Estes pesquisadores construíram uma escala mais refinada na construção de autoeficácia empreendedora; que complementam ainda que

esse refinamento deve incluir competências empresariais que são, por sua vez, diferentes de habilidades gerenciais, como citadas com mais frequência na literatura.

No estudo de De Noble, Jung e Ehrlich (1999), os pesquisadores elaboraram uma escala a partir de propriedades psicométricas, que teve como objetivo principal desenvolver uma medida confiável e válida de autoeficácia empresarial, que os autores selecionaram seis subescalas, sendo dividido da seguinte forma de acordo com as ordens dos fatores:

1) Desenvolvimento de novos produtos ou oportunidades de mercado: relaciona-se a um conjunto de habilidades relacionadas ao reconhecimento de oportunidade, a qual se torna importante para os sujeitos que buscam iniciar um empreendimento, pois eles devem acreditar fielmente no produto ou oportunidade de mercado que identificaram para que sirva como uma base sólida para outros interessados que queiram lançar um empreendimento. Moriano, Palací e Morales (2006) complementam o conceito afirmando que o empreendedor tem que acreditar na própria capacidade criativa para descobrir oportunidades que concedam desenvolver seus produtos ou serviços.

2) Construção de um ambiente inovador: está associado à capacidade que o sujeito tem para se encorajar ao tentar novas ideias, bem como iniciar ações e assumir responsabilidade dos resultados que foram gerados. Nessa dimensão também é avaliado a capacidade de percepção do indivíduo de promover ações inovadoras.

3) Iniciar relacionamento com investidores: as demandas para manter essa rede de relacionamento por vezes são subestimadas pelos empreendedores no início do negócio, no entanto depois que começa o empreendimento, pode ser mais demorada e exigente de habilidades significativas, além de ser parte do que o empreendedor precisa para sustentar a visão de negócio.

4) Definição do propósito central: essa dimensão é colocada com o intuito de deixar mais clara e objetiva a visão do empreendedor sobre seu próprio negócio, a fim de atrair investidores e funcionários-chave, tornando-se assim, uma das dimensões essenciais. Moriano, Palací e Morales (2006) acrescentam que se um indivíduo não se sente capaz de estabelecer o objetivo principal do seu negócio, provavelmente ele não terá motivação para iniciar o empreendimento.

5) Lidar com desafios inesperados: no início do empreendimento, os sujeitos têm de lidar com a ambiguidade e incerteza que envolve o ambiente, além de tolerar falta de informação, mensagens duvidosas e rejeições que possivelmente poderão enfrentar. Os autores destacam ainda que esses possíveis desafios poderão acontecer com *feedback* de investidores, flutuações nas condições de mercados e também nos requisitos para infusões de dinheiro.

6) Desenvolvendo recursos humanos: trata-se da capacidade do empreendedor de atrair e reter indivíduos-chave para a empresa, atividade essa que é de grande importância para as atividades iniciais do empreendimento (De NOBLE, JUNG; EHRLICH, 1999).

2.4 COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS

Em uma revisão sistemática da literatura sobre a incorporação das competências empreendedoras na educação superior realizada por Ferreras, Hernández-Lara e Serradell-López (2017), os autores detectaram que na última década, os estudos relacionados às competências empreendedoras e sua relação com o processo de ensino-aprendizagem demonstrou um aumento considerável.

Lenzi, Santos, Casado e Kuniyoshi (2015) argumentam que os estudos na área de administração têm buscado incorporar conhecimentos sobre o perfil empreendedor aliado ao contexto das competências. Os autores afirmam que um empreendedor pode construir e adequar suas individualidades com a finalidade de criar uma competência empreendedora, assim como um indivíduo é capaz de lapidar suas próprias competências. Concomitante a esse

pensamento, Zarifian (2001) já afirmava que ninguém é obrigado a ser empreendedor, pois não se pode obrigar ninguém a ser competente, ou seja, cada pessoa pode aperfeiçoar suas competências, e um empreendedor pode aprimorar e criar suas próprias competências empreendedoras.

Snell e Lau (1994) definem competências empreendedoras como a junção de competências e ações empreendedoras, as quais consistem em um corpo de conhecimento, área ou habilidade, motivações ou direcionamentos, atitudes ou visões, qualidades pessoais ou características, que podem contribuir de diferentes maneiras para o pensamento ou ação efetiva do negócio. Para esses autores, criar e gerenciar um negócio estão relacionados ao plano de vida do empreendedor, aos valores e à suas características pessoais, os quais são refletidos na amplitude desta definição.

Mamed e Moreira (2005) consideram que em decorrência das diferentes tarefas que são desempenhadas, a competência empreendedora pode tratar-se tanto como competência do indivíduo, como relacionar-se à prática administrativa. Os autores destacam ainda que as ações empreendedoras estão associadas às competências porque representa a identificação de oportunidades, a facilidade de leitura, a capacidade de gestão e de relacionamento em rede, habilidades conceituais, o posicionamento em cenários conjunturais e o comprometimento com interesses individuais e da organização.

Brasil (2015) relata que quando migra do campo do empreendedorismo para o de competências empreendedoras, alguns estudos têm tentado incorporar a união entre as características do perfil empreendedor ao contexto das competências. Lenzi (2008) afirma que o conjunto mais apropriado ao estudo de competências empreendedoras é o modelo de competências individuais. A partir disso, torna-se essencial conhecer os modelos principais para mensuração das competências empreendedoras.

Em 1983, a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) financiou uma pesquisa em três países subdesenvolvidos, Equador, Malawi e Índia para identificar características empreendedoras pessoais. Essa pesquisa tinha o propósito de identificar competências capazes de prever a criação e sucesso de negócios em diferentes culturas, tendo ainda como objetivo multiplicar e estender a aplicação dos conhecimentos sobre motivação usando a metodologia de mensuração de competências desenvolvida por Lyle Spencer e David McClelland (LIZOTE, 2013). Assim, essa pesquisa resultou em um conjunto de competências, as quais deram origem a um dos modelos de competências.

A partir do modelo de Spencer e Spencer, Cooley (1990, 1991) desenvolveu outro modelo no qual destacou as características do comportamento empreendedor, também conhecido por competências empreendedoras. Este, por sua vez, é utilizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), bem como pelo Serviço de Apoio à Pequena Empresa (SEBRAE) em programas de capacitação e desenvolvimento de empreendedores (EMPRETEC).

Rosa e Lapolli (2010), afirmaram em sua pesquisa que em certos contextos determinadas competências fazem mais sentidos às ações individuais que outras, e complementam argumentando que algumas competências podem ser até mais importantes para atingir o alto desempenho em certo mercado, mas no geral, todas devem fazer-se presentes para que uma ação empreendedora gere resultados esperados.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa classifica-se em sua abordagem como quantitativa. Malhotra (2012) destaca que os estudos quantitativos possibilitam aplicar métodos estatísticos no esclarecimento de fenômenos, processos ou relações e, assim, generalizar os resultados para a população pesquisada a partir da análise de amostras representativas.

Quanto à sua natureza, esse estudo é tido como descritivo e correlacional por tratar-se de uma associação de variáveis diante um padrão previsível para a população em análise. Na concepção de Hair Jr. *et al.* (2005), as pesquisas descritivas se criam e estruturam de forma específica para medir as peculiaridades que se buscam descrever em relação à questão de pesquisa.

Para obter os dados, optou-se por empregar o método de pesquisa *survey* (BABBIE, 1999), pois pretendeu-se descrever quantitativamente os dados levantados, bem como obter informações acerca de características, ações ou opiniões de um determinado grupo de respondentes indicados como representantes de uma população-alvo, por meio de instrumento de pesquisa, como o questionário (FREITAS; OLIVEIRA; SACCOL; MOSCAROLA, 2000). A população pesquisada foi constituída pelos alunos da graduação dos cursos da área de saúde da Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, sendo distribuídos da seguinte forma, conforme os *campi* dessa IES: Campus Biguaçu – apenas curso de Educação Física; Campus Itajaí – Biomedicina, Educação Física, Fisioterapia, Nutrição, Odontologia, Enfermagem, Farmácia, Fonoaudiologia, Medicina e Psicologia, resultado em uma amostra de 267 respondentes.

No que se refere a amostra da pesquisa, existem vários tipos de amostragem, cabe ao pesquisador escolher de acordo com seu estudo a melhor técnica (COOPER; SCHINDLER, 2003). Foi escolhida então uma amostra aleatória, não probabilística.

No constructo da autoeficácia empreendedora foi utilizada a escala de De Noble, Jung e Ehrlich (1999), a qual, por sua vez, é sustentada por seis subescalas: desenvolvimento de novos produtos e oportunidades de mercado (DN), construção de um ambiente inovador (AI), definição do objetivo principal do negócio (ON), desenvolvimento de recursos humanos chave para a empresa (RH), iniciando relações com investidores (RI) e lidar com mudanças inesperadas (MI). Este instrumento é composto por vinte e três (23) itens, no qual emprega uma escala tipo Likert de 7 pontos, que se estende desde o “completamente incapaz” (1) a “completamente capaz” (7).

O constructo de competências empreendedoras foi mensurado a partir do instrumento advindo do modelo de Cooley (1990, 1991) e utilizado por Lenzi (2008) e Lizote (2013). Esta escala contempla três conjuntos: a) realização: abrangendo cinco competências empreendedoras, busca de oportunidades e iniciativa (BOI), correr riscos calculados (CRC), exigência de qualidade e eficiência (EQE), persistência (PER) e comprometimento (COM); b) planejamento: composto por busca de informação (BDI), estabelecimento de metas (EDM), e planejamento e monitoramento sistemático (PMS); e, c) poder: este conjunto envolve persuasão e rede de contatos (PRC), e independência e autoconfiança (IAC).

O questionário contém 30 itens os quais permitem a identificação de dez competências a partir de uma escala somativa de três perguntas para cada uma delas. O participante da pesquisa tem uma pontuação após atribuir uma nota em uma escala de 1 a 5 para cada afirmação do instrumento. A soma mínima para cada competência é de 3, caso atribua 1 para todas as perguntas, ou 15, caso selecione o número 5.

A estratégia da coleta deu-se através da aplicação dos questionários *in loco* nos dois *campi* da universidade já mencionados. Esta escolha deu-se pelo fato de que se torna menos propenso a desvios de repostas, bem como uma maior probabilidade de número de respondentes, visto que quando enviados via *online*, muitas vezes as pesquisas não são respondidas.

Os dados coletados na *survey* para este estudo foram organizados numa planilha eletrônica Excel para realizar o pré-tratamento seguindo as recomendações em Hair Jr. *et al.* (2005). Inicialmente analisou-se se existem dados faltantes e erros de digitação. Como o número dos dados omissos não superou 10%, seja num respondente ou numa variável, seu valor foi preenchido pela mediana da variável em consideração.

Uma vez depurada a base de dados a mesma foi importada para o Statistica®, o *software* com o qual se calculou os descritores das variáveis. Os mesmos foram a média, o desvio padrão, a assimetria e a curtose. Com os dados depurados, foram realizadas as análises fatoriais exploratórias para definir quais itens compõem as subescalas da autoeficácia empreendedora. Com os somatórios das pontuações dos itens das competências empreendedoras, superando o valor de 12, se irá saber qual competência está manifesta.

Quivy e Campenhoudt (1998) defendem que a hipótese responde provisoriamente as questões de partida de um estudo, com base numa reflexão teórica e no conhecimento prévio do fenômeno estudado. Neste estudo foram definidas as seguintes hipóteses:

H1: A educação empreendedora na graduação dos cursos de ciências da saúde influencia a autoeficácia empreendedora dos discentes.

H2: A educação empreendedora na graduação dos cursos de ciências da saúde influencia nas competências empreendedoras dos discentes.

4 RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados da pesquisa, iniciando com a caracterização da amostra pesquisada e posteriormente a correlação entre os constructos analisados.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA PESQUISADA

A proposta inicial era coletar os dados apenas com alunos do último ano de curso, variando entre o 7º e 12º período, a depender do curso. No entanto, pela impossibilidade da presença de parte dos discentes devido ao estágio curricular obrigatório, que, por sua vez, a maioria dos cursos exige que o graduando se ausente das dependências da universidade e se desloque até hospitais, clínicas, escolas, entre outros; optou-se por aplicar os questionários com os alunos que ainda não tivessem obrigatoriedade do estágio, estando estes ainda nas dependências da universidade.

Esta estratégia deu-se pelo fato de ter a intenção de aplicar a pesquisa com os discentes que estão próximos da saída para o mercado de trabalho, pois tem-se a ideia de haver uma propensão para tornar-se um empreendedor nesta fase. Considerando que o estágio exigido pelos cursos de graduação é uma das maneiras de inserção no mercado de trabalho, optou-se então de pesquisar os discentes do ano anterior à obrigatoriedade do estágio. Para que isso fosse possível, buscou-se nas coordenações de cada curso as informações sobre quais períodos estariam disponíveis para participar da pesquisa, conforme os critérios estabelecidos.

Os períodos cursados pelos respondentes variam do 2º ao 10º. Isso se dá pelo fato de que, alguns alunos estão matriculados nos períodos iniciais, porém cursam disciplinas isoladas, e porventura se misturam com os alunos das fases mais avançadas.

Com pré-tratamento dos dados identificou-se 78 células com dados ausentes, ou seja, 0,55% do total das respostas. No bloco de autoeficácia empreendedora averiguou-se 21 dados omissos, enquanto no bloco de competências empreendedoras foram 57, o que representa respectivamente, 0,34% e 0,71% das células de cada bloco. Esses valores consistem em um percentual muito aquém máximo admitido de 10% (HAIR Jr. *et al.*, 2005). Por fim, os dados faltantes foram substituídos pela mediana.

Após a organização dos dados, tem-se a caracterização da amostra que é apresentada nas Tabela 1 e 2, que, por sua vez, é dividida por curso. O total de questionários válidos ficou em 267, tendo apenas no campus de Biguaçu o curso de Educação Física, com 33 respondentes. Os demais, 234 questionários foram aplicados no campus de Itajaí nos cursos de Biomedicina, Educação Física, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Nutrição, Odontologia e Psicologia.

Na Tabela 01 é apresentada de maneira descritiva a caracterização da amostra separada por curso.

Curso	Campus			Idade				
	Biguaçu	Itajaí	Total	ATÉ 20	21 A 30	31 A 40	41 A 50	+ DE 50
Biomedicina		100%	13	8%	85%			8%
Ed. Física	54%	46%	61	3%	85%	11%		
Farmácia		100%	17	6%	94%			
Fisioterapia		100%	27	11%	85%	4%		
Fonoaudiologia		100%	17		100%			
Medicina		100%	14	7%	93%			
Nutrição		100%	28	18%	79%	4%		
Odontologia		100%	42	5%	95%			
Psicologia		100%	48	4%	79%	8%	6%	2%

Tabela 01 – Distribuição dos discentes por campi e idade.

Na Tabela 02 se exhibe os resultados referentes ao número de discentes matriculados em cada um dos cursos investigados.

Curso	Sexo		Período							Curso Empreendedorismo		
	F	M	2	4	5	6	7	8	9	10	S	N
Biomedicina	62%	38%					85%	15%			77%	23%
Ed. Física	44%	56%				7%	31%	62%			46%	54%
Farmácia	71%	29%	12%				88%					100%
Fisioterapia	67%	33%				63%	37%					100%
Fonoaudiologia	82%	18%					100%					100%
Medicina	64%	36%	7%				93%					100%
Nutrição	71%	29%				57%	43%					100%
Odontologia	55%	45%					57%	43%				100%
Psicologia	81%	19%		2%	2%	2%	6%	13%	42%	33%		100%

Tabela 02 – Distribuição dos discentes por curso.

Como apresentado na Tabela 02, somente dos alunos de Biomedicina e Educação Física cursaram disciplina de Empreendedorismo.

Ao analisar as Tabelas 1 e 2, nota-se que uma pequena parcela dos alunos cursaram a disciplina de empreendedorismo, totalizando 45 dos 267 respondentes, o que corresponde à aproximadamente a 16,85% do número total de questionários respondidos. Esse valor já era previamente esperado pelo fato de, como já é de conhecimento, apenas 2 dos 9 cursos pesquisados apresentarem oferta da disciplina de empreendedorismo. Com isso, as análises que seguem levam em consideração ao número total de participantes da pesquisa, sendo realizado apenas o Teste t para comparação dos alunos que cursaram a disciplina de empreendedorismo.

4.2 ANÁLISE DAS CORRELAÇÕES

A Tabela 03 apresenta as correlações entre as somativas das subescalas, e demonstra também os valores do alfa de Cronbach para cada subescala do constructo de autoeficácia empreendedora indicados na diagonal da tabela entre parênteses. Apenas a subescala “lidar com mudanças inesperadas” apresentou valor menor que o sugerido, que é de 0,7. Contudo, a escala total exhibe uma alfa de Cronbach de 0,957, o que demonstra um alto grau de confiabilidade deste constructo dentro dos dados pesquisados.

Subescalas	Média	D.P.	SE1	SE2	SE3	SE4	SE5	SE6
------------	-------	------	-----	-----	-----	-----	-----	-----

Desenvolvimento de novos produtos e oportunidades de mercado	5,36	1,01	(0,840)					
Construção de um ambiente inovador	5,41	0,99	0,803 p=0,00	(0,813)				
Definição do objetivo principal do negócio	5,51	0,99	0,837 p=0,00	0,809 p=0,00	(0,762)			
Desenvolvimento de recursos humanos chave para a empresa	5,23	1,11	0,874 p=0,00	0,786 p=0,00	0,790 p=0,00	(0,779)		
Iniciando relações com investidores	5,38	0,95	0,947 p=0,00	0,912 p=0,00	0,923 p=0,00	0,933 p=0,00	(0,745)	
Lidar com mudanças inesperadas	5,37	0,98	0,923 p=0,00	0,869 p=0,00	0,938 p=0,00	0,950 p=0,00	0,991 p=0,00	(0,505)

Tabela 03 - Correlações, médias e desvio padrão da autoeficácia empreendedora

CE	Média	Desv.Pad.	Conjunto Realização	Conjunto Planejamento	Conjunto Poder
Conjunto Realização	11,86	1,62	(0,784)		
Conjunto Planejamento	12,07	2,12	0,694 p=0,00	(0,841)	
Conjunto Poder	11,13	2,16	0,531 p=0,00	0,461 p=0,00	(0,635)

Tabela 04 - Correlações, médias e desvio padrão das competências empreendedoras

Observa-se que no constructo de competências empreendedoras, apenas o “conjunto poder” possui o alfa de Cronbach inferior a 0,7. Ainda assim os constructos são considerados válidos e sua confiabilidade total, calculado pelo alfa de Cronbach, é de 0,876.

Por fim, os resultados do teste de esfericidade de Bartlett foram todos significativos ($p < 0,05$) e indicaram que com os dados levantados para os construtos pode-se empregar a Análise Fatorial Exploratória (AFE).

Vale ressaltar que o objetivo da aplicação da AFE era investigar se cada dimensão dos constructos está relacionada com um único fator que recuperasse mais que 50% variância extraída por ele, e que as cargas fatoriais fossem maiores ou iguais a 0,5.

Para avaliar se havia relação entre os itens das subescalas, foi realizada a AFE a partir da matriz de correlações, utilizando o critério de Kaiser para reter os fatores e cargas fatoriais maiores ou iguais a 0,5. Em decorrência disso, foi excluído o item 20 da escala (determinar se o negócio vai bem). Por fim, as cargas fatoriais para o constructo de autoeficácia empreendedora, superaram o valor em módulo 0,5.

O constructo de competências empreendedoras foi mensurado a partir de um segundo bloco de 30 afirmativas. A partir dos dados calculados, no constructo de competências empreendedoras, cargas fatoriais também superaram o valor em módulo 0,5, bem como o fator extraído recupera mais do que 50% da variância.

No constructo de autoeficácia empreendedora foi realizado o teste t considerando o sexo dos respondentes, mas não houve nenhuma diferença significativa ao 5%, e por isso, não foi apresentado em tabela. Porém, nos alunos que fizeram a disciplina de empreendedorismo a subescala “construção de um ambiente inovador” mostra diferença entre homens e mulheres a 10%, tendo a maior pontuação média as mulheres, com 5,46; e para os homens, 4,89.

Já ao considerar todos os respondentes que não cursaram a disciplina, existe a diferença a 10% na subescala “construção de um ambiente inovador”, sendo a maior média para mulheres

(5,54) que a dos homens (5,47). Estes resultados indicam que as mulheres em geral, tenham ou não cursado a disciplina de empreendedorismo, são mais propensas a inovar nos empreendimentos.

Para analisar se existem diferenças entre a autoeficácia e as competências empreendedoras dos discentes que aprovaram a disciplina de empreendedorismo e aqueles que não participaram ainda dessa disciplina se realizou um teste t considerando os 267 respondentes. Destes apenas 45 tinham aprovado empreendedorismo e 222 não tinham participado.

As comparações foram feitas primeiro considerando as médias de cada uma das seis subescalas da autoeficácia (SE1 a SE6) e da escala completa (AE). A seguir foram feitas as comparações de médias para cada conjunto de competências empreendedoras (CR, CPI e CPo) e para as médias das dez competências tomadas em conjunto (CE). Para cada contraste se avaliou a homocedasticidade das variáveis por meio do teste de Levene, verificando-se que em nenhum caso as variâncias foram heterocedásticas ($p > 0,05$).

Como se exibe na Tabela 05, em nenhuma das comparações houve diferenças significativas entre as médias dos que cursaram ou não a disciplina de empreendedorismo. Contudo, como poderia existir influência do curso que o respondente estava realizando os mesmos testes foram feitos com os alunos de Educação Física, curso no que a disciplina empreendedorismo é obrigatória e se ministra com carga horária de 60 horas-aula.

Variáveis	Média		Valor - t	g.l.	Valor - p	Número de casos		Teste de Levene	Valor - p
	Sim	Não				Sim	Não		
SE1	5,249	5,380	-0,7924	265	0,4288	45	222	0,0321	0,8579
SE2	5,206	5,450	-1,5189	265	0,1300	45	222	1,8081	0,1799
SE3	5,333	5,550	-1,3350	265	0,1830	45	222	0,0512	0,8212
SE4	5,148	5,248	-0,5497	265	0,5830	45	222	0,6277	0,4289
SE5	5,234	5,407	-1,1119	265	0,2672	45	222	0,5385	0,4637
SE6	5,238	5,401	-1,0220	265	0,3077	45	222	0,2657	0,6066
AE	5,235	5,406	-1,0980	265	0,2732	45	222	0,4967	0,4816
CR	11,724	11,889	-0,6236	265	0,5334	45	222	0,5162	0,4731
CPI	11,904	12,093	-0,5474	265	0,5846	45	222	0,0783	0,7798
CPo	11,144	11,126	0,0517	265	0,9588	45	222	1,0765	0,3004
CE	11,591	11,703	-0,4154	265	0,6782	45	222	1,5654	0,2120

Tabela 05 - Comparações de médias para as subescalas, para os conjuntos de competências empreendedoras, e todas elas dos alunos que cursaram ou não a disciplina de empreendedorismo

Ao contrastar os valores de médias dos 30 alunos de Educação Física que já tinham aprovado a disciplina obrigatória de empreendedorismo com os 31 que ainda não tinham participado se constata que não existiram diferenças para nenhuma dos contrastes feitos. Os resultados dessas comparações estão expostos na Tabela 06, na qual se pode observar que as variâncias daquelas distribuições foram todas homogêneas, conforme o teste de Levene.

Variáveis	Média		Valor - t	g.l.	Valor - p	Número de casos		Teste de Levene	Valor - p
	Sim	Não				Sim	Não		
SE1	5,153	5,381	0,8890	59	0,3776	30	31	0,3920	0,5337
SE2	5,083	5,387	1,0986	59	0,2764	30	31	0,7599	0,3869
SE3	5,233	5,538	1,1553	59	0,2526	30	31	0,9320	0,3383
SE4	5,078	5,301	0,7648	59	0,4474	30	31	1,3400	0,2517
SE5	5,137	5,402	1,0485	59	0,2987	30	31	0,0006	0,9807
SE6	5,149	5,413	1,0209	59	0,3115	30	31	0,0040	0,9495
AE	5,139	5,404	1,0453	59	0,3001	30	31	0,0002	0,9897
CR	11,473	12,039	1,2439	59	0,2185	30	31	0,0965	0,7572
CPI	11,644	11,903	0,4410	59	0,6609	30	31	1,1320	0,2917
CPo	11,400	11,032	-0,5852	59	0,5606	30	31	0,4047	0,5272
CE	11,506	11,658	0,3137	59	0,7549	30	31	1,3863	0,2438

Tabela 06 - Comparações de médias para as subescalas, para os conjuntos de competências empreendedoras, e todas elas dos alunos de Educação Física que cursaram ou não da disciplina de empreendedorismo

Os resultados obtidos confirmam que a percepção dos discentes a respeito de sua autoeficácia e competências empreendedoras não são influenciadas pelos conhecimentos que adquiriram na disciplina de empreendedorismo.

Ao fazer a análise de correlação entre as subescalas da autoeficácia empreendedora, tem-se que todas possuem uma relação linear forte (maior que 0,7), bem como se correlacionam positivamente.

Já ao analisar os conjuntos de competências empreendedoras, eles apresentam relação entre si, no entanto é considerada uma relação linear moderada. O que demonstra que há uma maior dispersão entre as respostas encontradas.

Por fim, foi realizado o teste para verificar a relação entre as subescalas da autoeficácia empreendedora e os conjuntos de competências empreendedoras. A Tabela 07 apresenta os resultados encontrados:

	Conjunto de Realização (CR)	Conjunto de Planejamento (CPI)	Conjunto de Poder (Cpo)
Desenvolvimento de novos produtos e oportunidades de mercado (DN)	0,098	0,036	0,138
	p=0,111	p=0,554	p=0,024
Construção de um ambiente inovador (AI)	0,099	0,094	0,087
	p=0,108	p=0,126	p=0,155
Definição do objetivo principal do negócio (ON)	0,031	0,017	0,098
	p=0,609	p=0,783	p=0,111
Desenvolvimento De Recursos Humanos Chave Para A Empresa (RH)	0,135	0,107	0,117
	p=0,028	p=0,082	p=0,056
Iniciando relações com investidores (RI)	0,099	0,070	0,119
	p=0,107	p=0,258	p=0,052
Lidar com mudanças inesperadas (MI).	0,094	0,069	0,116
	p=0,126	p=0,263	p=0,058

Tabela 07 - Matriz de correlação das subescalas e dos conjuntos de competências

Os resultados acima demonstram que a relação linear é indefinida, pelos valores de r encontrados inferiores a 0,2. Pode-se considerar, assim, que as subescalas do constructo da autoeficácia empreendedora e os conjuntos de competências empreendedoras não possuem relação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para elaboração desta última sessão, é necessário retomar o objetivo dessa pesquisa, a qual propôs avaliar a influência da educação empreendedora no desenvolvimento da autoeficácia e competências empreendedoras dos discentes de graduação da área da saúde. A análise a partir das hipóteses propostas, permite chegar à conclusão que todos foram atingidos, conforme será apresentado a seguir.

Para o constructo de autoeficácia empreendedora foi considerada a partir do conceito de Chen, Greene e Crick (1998), que consideram a autoeficácia altamente apropriada para o estudo do empreendedor. Ao calcular Teste de esfericidade de Bartlett, todos os valores se mostraram significativos, pois os valores sempre ficaram com valores $p < 0,05$ indicando que a matriz de correlações é apropriada para realizar a análise fatorial.

A análise fatorial exploratória (AFE) pode ser utilizada quando o pesquisador quer confirmar ou refutar a estrutura fatorial de determinado instrumento (BROWN, 2006). Neste constructo os itens ficaram expressos por um fator próprio para cada subescala. Apenas no Fator 1, que faz referência ao “desenvolvimento de novos produtos e oportunidades de mercado” foi encontrado uma variável com baixa comunalidade, sendo esta: “determinar se o negócio vai bem”. Esse item foi excluído por não apresentar relação com os demais itens reunidos neste fator. Após a exclusão, foi rodada uma nova análise fatorial a qual foi apresentada.

A matriz de correlação apresenta uma forte relação linear entre as subescalas, ou seja, o instrumento utilizado apresenta validade e confiabilidade. Dado esses resultados, pode-se afirmar que a hipótese H1 que compreende: educação empreendedora na graduação dos cursos de ciências da saúde influencia a autoeficácia empreendedora dos discentes não se confirmou, a partir do resultado do teste t que foi realizado.

No constructo de competências empreendedoras, não foi excluído nenhuma afirmativa, pois todas apresentaram alta comunalidade dentro dos fatores, que por sua vez, foram segmentados de acordo com os conjuntos de competências. Esse constructo apresenta números estatisticamente menores que o constructo da autoeficácia empreendedora, e, portanto, a hipótese H2, *a educação empreendedora na graduação dos cursos de ciências da saúde influencia nas competências empreendedoras dos discentes* também não foi suportada. O item que obteve menor carga fatorial corresponde ao *conjunto realização*, a saber: *busca de oportunidade e iniciativa (BOI)*. Com isso, entende-se que os graduandos se sentem limitados em relação à ter iniciativas e buscar novas oportunidades de negócios.

Ao fazer a matriz de correlação unindo os dois constructos, tem-se quem dentro do contexto analisado, os constructos não se relacionam por possuírem os valores de $r < 0,2$. Ou seja, a educação empreendedora, nesse contexto, não influencia no comportamento empreendedor dos alunos da graduação da área da saúde. Com isso, pode-se concluir que nos cursos da área da saúde, os alunos não se sentem preparados para iniciar o próprio negócio, a partir das premissas da autoeficácia e das competências empreendedoras, pois elas não estão relacionadas.

Apesar das hipóteses propostas nessa pesquisa não terem sido suportadas, aponta-se como uma limitação o fato de poucos alunos terem cursado a disciplina de empreendedorismo. Por esse motivo, ainda assim é apontado a inserção de disciplinas relacionadas ao empreendedorismo na área da saúde, pois acredita-se que é um caminho favorável para formação destes profissionais (ENDEAVOR, 2016). Com esse incentivo proporcionado pelas IES, pode-se então realizar uma nova pesquisa, de caráter longitudinal, na qual deve ser aplicada o mesmo questionário antes, durante e depois da participação do aluno na disciplina de empreendedorismo. Assim, poderia ter resultados mais precisos, e provavelmente diferentes dos encontrados nesse estudo.

A limitação do estudo compreende também pela dificuldade do acesso aos respondentes, desde a autorização dos diretores, coordenadores e professores, à colaboração dos alunos, que por vezes se recusaram a responder. Posteriormente, tem-se também como limitação a realização da pesquisa em apenas uma universidade, e desta forma, os resultados alcançados nessa pesquisa não podem ser generalizados para todas as universidades.

Com isso, sugere-se a replicação desse estudo, como os instrumentos já validados, em outras universidades, inclusive de diferentes regiões do país. Utilizar dados da pesquisa como as realizadas pela Endeavor (2016) pode auxiliar na escolha de universidades consideradas por eles como “empreendedoras”, e verificar se há diferença entre as IES que contam com ensino de empreendedorismo e aquelas que não possuem. Uma outra sugestão seria associar a metodologia quantitativa à qualitativa, para assim poder compreender o porquê desses alunos não se sentirem prontos para empreender.

A relevância teórica dessa pesquisa está ao utilizar constructos que estão associados ao empreendedorismo na área da saúde, pois há poucos estudos sobre essa temática, e nestes nota-se a necessidade de aprofundamento. Vale destacar também que o empreendedorismo está cada vez mais presente na interdisciplinaridade, sendo contemplado não somente na área de gestão.

Como relevância prática, esse estudo apresenta dados que podem ser usados por gestores da IES pesquisada, a fim de fomentar o ensino do empreendedorismo nos cursos que não estão associados diretamente com a área da gestão. Além disso, pode servir de modelo para outras

instituições de ensino que desejam adotar práticas empreendedoras como forma de incentivo do aluno antes da entrada no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. C. de. **As práticas de ensino do empreendedorismo na formação dos acadêmicos de graduação do centro de ciências sociais aplicadas**: gestão de uma universidade comunitária de Santa Catarina. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu, SC, 2015.
- BABBIE, E. **Métodos de pesquisa survey**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- BANDURA, A. Self-efficacy: toward a unifying theory of behavioral change. **Psychological Review**, v. 84, n. 2, p. 191, 1977.
- BRASIL, M. L. A. do B. **O processo de inovação social a partir de práticas de liderança e de competências**: um estudo no setor cultural do Estado do Amazonas. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Administração e Turismo, Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu, SC, 2015.
- BOYD, N. G.; VOZIKIS, G. S. The influence of self-efficacy on the development of entrepreneurial intentions and actions. **Entrepreneurship: Theory & Practice**, v. 18, n. 4 p. 63-77, 1994.
- BRUSH, C., et al. Doctoral education in the field of entrepreneurship. **Journal of Management**, v. 29, n. 3, p. 309-331, 2003.
- CHELL, E. **The entrepreneurial personality: a social construction** (2a ed.). New York: Taylor; Francis e-Library, 2008.
- CHEN, C. C.; GREENE, P. G.; CRICK, A. Does entrepreneurial self-efficacy distinguish entrepreneurs from managers? **Journal of Business Venturing**, v. 13, n. 4, p. 295-316, 1998.
- COOLEY, L. **Entrepreneurship training and the strengthening of entrepreneurial performance. Final Report**. Contract. Washington: USAID, 1990.
- COOLEY, L. **Seminário para fundadores de empresas**. Manual del Capacitador. Washington: MSI, 1991.
- COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.
- De NOBLE, A.; JUNG, D.; EHRLICH, S. Entrepreneurial self-efficacy: the development of a measure and its relationship to entrepreneurial actions. In **Frontiers of Entrepreneurship Research**. Waltham, 1999.
- Endeavor Brasil. Pesquisa Empreendedorismo nas universidades brasileiras. Disponível em: <https://endeavor.org.br/pesquisa-universidades-empreendedorismo-2016> Acesso em 05 jul. 2018.
- ETZKOWITZ, H. Research groups as “quasi-firms”: the invention of the entrepreneurial university. **Research Policy**, v. 32, n. 1. p. 109-121, 2003.
- FERRERAS, R.; HERNÁNDEZ-LARA, A. B.; SERRADELL-LÓPEZ, E. Entrepreneurship competences in business plans: a systematic literature review. **Revista Internacional de Organizaciones**, 18, 2017.
- FERREIRA, M. P. V.; PINTO, C. F.; MIRANDA, R. M. Três décadas de pesquisa em empreendedorismo: uma revisão dos principais periódicos internacionais de empreendedorismo. **REAd. Revista Eletrônica de Administração**, v. 21, n. 2, p. 406-436, 2015.
- FILION, L. J. Diferenças entre sistemas gerenciais de empreendedores e operadores de pequenos negócios. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, v. 39, n. 4, p. 6-20, 1999.

FREITAS, H.; OLIVEIRA, M.; SACCOL, A. Z.; MOSCAROLA, J. O método de pesquisa survey. **Revista de Administração da USP**, v. 35, n. 3, p. 105-112, 2000.

GIMENEZ, F. A. P. **Empreendedorismo**: bibliografia de artigos publicados em periódicos brasileiros. Curitiba: Ed. do autor, 2017.

HAIR JR., J. F.; BLACK, W. C.; BABIN, B. J.; ANDERSON, R. E.; TATHAM R. L. **Análise multivariada de dados**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. **Entrepreneurship**, 10. ed. New York: McGraw-Hill Education, 2017.

LENZI, F. **Os empreendedores corporativos nas empresas de grande porte**: um estudo da associação entre tipos psicológicos e competências empreendedoras. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2008.

LENZI, F. C.; SANTOS, S. A. dos; CASADO, T.; KUNIYOSHI, M. S. Empreendedores corporativos: um estudo sobre a associação entre tipos psicológicos e competências empreendedoras em empresas de grande porte de Santa Catarina - Brasil. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 32, n. 2, p. 117-141, 2015.

LIZOTE, S. A. **Relação entre competências empreendedoras, comprometimento organizacional, comportamento intraempreendedor e desempenho em universidades**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Administração e Turismo, Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu, SC, 2013.

MCCLELLAND, D. C. *Achieving society*. Simon and Schuster, 1967.

MALHOTRA, N. *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*, 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.

MAMED, M. I. de B.; MOREIRA, M. Z. Perfil de competências empreendedoras dos investidores portugueses e brasileiros: um estudo comparativo na rede hoteleira do Ceará. **Anais do Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração**, Brasília, DF, Brasil, 29, 2005.

MCGEE, J. E.; PETERSON, M.; MUELLER, S. L.; SEQUEIRA, J. M. Entrepreneurial self-efficacy: refining the measure. **Entrepreneurship Theory & Practice**, v. 33, n. 4, p. 965-988, 2009.

MORIANO, J. A.; PALACÍ, F. J.; MORALES, J. F. Adaptación y validación en España de la escala de autoeficacia emprendedora. **Revista de Psicología Social**, v. 21, n. 1, p. 51-64, 2006.

NASCIMENTO, S. **Características empreendedoras dos gestores de empresas incubadas e o efeito moderador do estilo cognitivo**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Administração e Turismo, Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu, SC, 2015.

POLAKIEWICZ, R. R.; DAHER, D. V.; SILVA, N. F.; SILVA, N. F.; FERREIRA JÚNIOR, J.; FERREIRA, M. E. (2013). Potencialidades e vulnerabilidades do enfermeiro empreendedor: uma revisão integrativa. **Biológicas & Saúde**, v. 3, n. 11, 2013.

ROSA, S. B.; LAPOLLI, E. M. Santa Catarina: um estado que é uma vitrine de talentos. In LAPOLLI, E. M.; FRANZANI, A. M. B.; SOUZA, V. A. B. (Orgs). **Vitrine de talentos: notáveis empreendedores em Santa Catarina**. Florianópolis: Pandion, 2010.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em ciências sociais**. 1998.

Schumpeter, J. The instability of capitalism. **The Economic Journal, St. Andrews**, v. 38, n. 151, p. 361-386, 1928.

SCHUMPETER, J. A. **The theory of economic development**. Oxford: Oxford University Press, 1934.

SNELL, R.; LAU, A. Exploring local competences salient for expanding small business. **Journal of Management Development**, v. 13, n. 4, p. 4-15, 1994.

SPENCER Jr., L. M.; SPENCER, S. M. **Competence at work: models for superior performance**. New York: John Wiley and Sons, 1993.

TEIXEIRA, A. **Universidades corporativas x educação corporativa: o desenvolvimento do aprendizado contínuo**. Rio de Janeiro: Ed. Qualitymark, 2001.

UNESCO. **Declaración mundial sobre la educación superior en el siglo XXI: visión y acción**. Paris: UNESCO, 1998.

UNESCO. **Conferencia mundial sobre la educación superior 2009: La nueva dinámica de la educación superior y la investigación para el cambio social y el desarrollo**. Paris: UNESCO, 2009.

ZARIFIAN, P. **Objetivo competência: por uma nova lógica**. São Paulo: Atlas, 2001.